



“NEM TÃO DISTANTES”: RELAÇÕES ENTRE O UNIFORME ESCOLAR E A MODA EUROPEIA – UM ESTUDO DE CASO

Claudia Schemes*

Universidade Feevale

claudias@feevale.br

Denise Castilhos de Araujo**

Universidade Feevale

deniseca@feevale.br

Ida Helena Thön***

Universidade Feevale

idaht@feevale.br

RESUMO: Este artigo analisa o uniforme escolar no Brasil e suas relações com a moda nacional e internacional. Realizamos uma pesquisa bibliográfica e um estudo de caso com uma escola fundada no século XIX, no interior do Rio Grande do Sul, a Fundação Evangélica, para observarmos de que forma a moda europeia influenciou as vestimentas de seus alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Uniforme escolar – Moda - Fundação Evangélica

ABSTRACT: This article examines the school uniform in Brazil and its relations with national and international fashion. We performed a literature search and a case study with a school founded in the nineteenth century, in Rio Grande do Sul, the Evangelical Foundation, to see how the European fashion influenced the clothing of their students.

KEYWORDS: School uniform – Fashion – Evangelical Foundation.

INTRODUÇÃO

* Doutora em História, professora dos cursos de História, Moda e Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, pesquisadora do grupo Cultura e Memória da Comunidade.

** Doutora em Comunicação Social, professora dos cursos de Comunicação Social e Design e do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, pesquisadora do Grupo Cultura e Memória da Comunidade.

*** Especialista em Artes Visuais, professora dos cursos de Design e de Moda da Universidade Feevale, coordenadora pedagógica do Museu Nacional do Calçado.

Este artigo tem como objetivo principal levantar e discutir algumas questões referentes à história do uniforme no Brasil, visto que essa área é pouco explorada pelos historiadores da moda, e a bibliografia sobre o tema é escassa. Optamos por realizar uma revisão bibliográfica sobre a história da moda, da educação e, principalmente, do uniforme no Brasil. Entretanto, achamos conveniente realizarmos um estudo de caso com uma das escolas mais antigas do Rio Grande do Sul, a Fundação Evangélica, fundada no século XIX, no município de Novo Hamburgo,¹ região metropolitana de Porto Alegre.

Este estudo de caso foi importante para nos ajudar a responder nosso problema de pesquisa: De que forma a moda europeia pode ser assimilada em uma cidade do interior do Brasil, em tempos de comunicação deficitária, e incorporada no dia-a-dia através dos uniformes escolares?

Para conseguirmos responder a essa questão, faremos um breve histórico do uniforme escolar no Brasil e na escola em questão, relacionando-o com a história da educação e a moda internacional.

Podemos justificar a realização deste trabalho pelo fato de que os uniformes são trajes que estão presentes nas sociedades há muito tempo, os quais têm por objetivo identificar e particularizar os indivíduos participantes de certos grupos sociais. Ou seja, é através do uniforme que reconhecemos quem compartilha ideais, condutas, crenças, objetivos, desejos, habilidades, indicando, assim, certas semelhanças entre esses seres.

Os uniformes também podem significar uma adesão voluntária a um ponto de vista, estando o indivíduo em acordo com as ideias defendidas pelo grupo, como também pode significar uma adesão exigida e, nesse caso, podemos pensar como exemplo os uniformes escolares.

Os uniformes escolares, no Brasil, surgiram da necessidade de distinção em relação aos métodos e ao nível de ensino, o grau de disciplina exigido, a tradição da escola, a postura adotada pela instituição diante da sociedade, bem como uma forma de diferenciação dos outros estabelecimentos de ensino. Os uniformes serviram, também, como elementos de distinção entre as classes sociais, indicando o nível social ao qual pertencia o aluno, revelando tal posição para a sociedade.

¹ A cidade de Novo Hamburgo está localizada aproximadamente a 40 quilômetros de Porto Alegre, atualmente tem uma população de 240 mil habitantes e foi colonizada no século XIX principalmente pelos imigrantes alemães.

É importante também mencionar o fato de que os uniformes foram trajes que não refletiram, por muito tempo, as mudanças que ocorreriam no país, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, períodos de profundas transformações sociais, principalmente observadas entre os jovens desses períodos.

Pretendemos, com este artigo, explorar esse tema, o qual pouco tem sido estudado no Brasil e que apresenta grande importância dentro do panorama das manifestações culturais.

O UNIFORME ESCOLAR NO BRASIL E NA FUNDAÇÃO EVANGÉLICA

O uniforme foi instituído pela primeira vez no Rio de Janeiro, capital do Império, no Colégio Pedro II, em 1850, e mais parecia um fardamento militar. A partir desse período, algumas escolas passaram a utilizá-lo como forma de padronizar a roupa dos alunos e identificá-los com as instituições de ensino aos quais estavam vinculados.

A utilização do uniforme no Brasil iniciou com o objetivo de identificar alunos de acordo com a sua escola e garantir a segurança e a disciplina, além de contribuir para que todos fossem tratados da mesma forma. Para Silva, “a escola, através da organização estética de seus alunos, caminhava por firmar-se enquanto instituição disciplinar, assim como o exército legitima a sua autoridade”.²

Neste mesmo período, os imigrantes alemães que colonizaram o sul do Brasil, encontraram uma realidade adversa quanto à liberdade religiosa, uma vez que, ao aqui chegarem, eram discriminados e considerados “cidadãos de segunda classe”.³

Para manter sua religiosidade, a resposta foi a criação de uma escola junto a cada núcleo colonizador, onde, escolhido entre seus pares, o mais letrado e mais capaz ficava responsável pela educação e pelos ensinamentos de interpretação dos textos bíblicos, legitimando, assim, sua crença.

No final do século, em 1885, em Novo Hamburgo, as irmãs Amalie e Lina Engel fundaram uma escola só para moças e, diferente de seus antecessores que não

² SILVA, Katiene Nogueira da. “**Criança calçada, criança sadia!**”: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970). 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/pt-br.php> Acesso em 03/04/2010, p.16.

³ KANNENBERG, Hilmar. **Fundação Evangélica** – Um século a serviço da educação (1886 a 1986). São Leopoldo: Rotermund, 1987, p. 25.

tinham uma formação mais aprimorada, elas eram formadas em pedagogia em sua terra natal, a Alemanha. Estava criada a *Evangelisches Stift (Töchterpensionat)*, ou Fundação Evangélica (Pensionato de filhas), que aí completava a educação dessas moças, pois adquiriam, além dos conteúdos escolares, todos os conhecimentos necessários para serem boas esposas.

Na imagem abaixo, vemos as fundadoras da escola (sentadas no centro da foto), rodeadas por algumas alunas. Podemos observar que as roupas utilizadas por elas não eram diferentes daquelas usadas na Europa no mesmo período, ou seja, se não soubéssemos que essa foto foi tirada no Brasil, poderíamos imaginar que tivesse sido tirada em qualquer país europeu.



Imagem 1 – Professoras Amalie e Lina Engel e alunas (1887)⁴

Num primeiro momento, até 1915, eram as próprias alunas da escola que confeccionavam suas roupas e uniformes nas aulas de costura, usando figurinos que demonstravam conhecimento das tendências da moda e principalmente, os trajes criados pelo estilista francês Paul Poiret, o grande inovador da indumentária feminina, e responsável pelo fim do espartilho.⁵

⁴ Fonte: Acervo Instituição Evangélica de Novo Hamburgo

⁵ Poiret foi o primeiro costureiro a levar suas coleções e suas manequins a outros países europeus, desfilando suas obras em Nova York em 1913. De suas criações dizia: “Se todos quiserem conhecer meus princípios, direi que se baseiam em dois pontos principais: a busca da maior simplicidade e o gosto do detalhe original da personalidade. [...] Vestir uma mulher não é cobri-la de enfeites; é sublinhar os encantos do seu corpo, realçá-los e valoriza-los; é revelar uma bela arquitetura natural

A leitura e a música faziam parte do currículo e do passatempo na instituição e o acesso às informações a respeito das modificações da silhueta e da moda feminina ocorria por meio da correspondência e das revistas recebidas da Europa pelas fundadoras e pelas alunas. Faziam parte do universo dos pais das alunas, viagens de “vapor” à Europa e à América do Norte, principalmente Nova York e, ao voltarem, enviavam às filhas as fotografias e as revistas trazidas do passeio. Assim, ao costurarem elas mesmas suas roupas, acrescentavam a elas detalhes vistos nas últimas notícias recebidas.

O gradativo aumento do número de escolas no Brasil trouxe a necessidade de caracterizar os alunos de cada instituição de ensino, através dos uniformes. Essa indumentária, própria de cada estabelecimento, deveria indicar, além do seu nome, “a tradição, o método e as características pedagógicas, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e outras escolas”.⁶ O autor afirma que o uso do uniforme visava, principalmente, à segurança do estudante fora da escola, pois ela, a partir da matrícula, era responsável pelo aluno que, por sua vez, deveria honrar as cores, o nome, a tradição e o símbolo da escola em qualquer lugar em que se encontrasse. Esse mesmo princípio passou a ser adotado pela Fundação Evangélica na primeira década do século passado.

Dussel (2005), que analisa a questão dos uniformes na Argentina e nos Estados Unidos, afirma que os discursos presentes na emergência dos guarda-pós argentinos no início do século XX eram não só o igualitarismo, como também o higienismo e a produção de corpos sãos. Já para os norte-americanos, o uso do uniforme estaria ligado ao disciplinamento das mulheres, negros, índios, classes populares, imigrantes e crianças.

O uniforme pode ser considerado um meio de coesão de um grupo, ao nível das aparências, pois caracteriza uma categoria, profissão ou função dentro de um contexto pré-determinado.⁷

através de um contorno significativo que acentua sua graça. Todo talento do artista reside na maneira de revelar” (**Revista Vogue**, Paris, 15 de outubro de 1913).

⁶ LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005, p.21.

⁷ ECO, Humberto. O hábito fala pelo monge. In: ECO, Humberto et all. **Psicologia do vestir**. 3.ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

A disciplina era outra das atribuições inerentes ao uso do uniforme, pois era “condição *sine que non* que o aluno começasse a se engajar no contexto social através da aceitação de imposições regulamentares, para que se acostumasse desde logo a obedecer às regras de convívio na sociedade”.⁸

A onda dos uniformes talvez seja análoga à febre pelo esporte [...], pois estava em jogo a sincronia dos corpos, a produção de uma imagem de grupo, como o espetáculo das equipes esportivas, e funciona como uma peça-chave na estruturação do espírito dos colégios.⁹

Ao considerarmos a afirmação da autora, podemos pensar que os uniformes, nesse momento, serviam como elementos para o controle dos corpos, uma vez que esses corpos ficavam envoltos pela mesma estrutura, ou seja, não havia distinção entre as pessoas, todos se assemelhavam.

Além disso, para as escolas, o uniforme era uma maneira de distingui-las umas das outras, adotando uma vestimenta que, muitas vezes, balizava, inclusive, a origem social do aluno, pois ele era ligado à determinada instituição de ensino, conseqüentemente, à determinada classe social.¹⁰

Ainda estabelecendo relação dos uniformes com status social, Farias (2010) comenta a importância que os operários da Usiminas e a cidade de Ipatinga-MG (cidade onde está instalada a usina), davam a estas vestes na década de 1970, quando elas não só identificavam os funcionários da empresa, como também serviam de elementos que garantiam a idoneidade desses indivíduos. A autora comenta que, algumas vezes, quem não era funcionário não alcançava a confiança do mercado e da sociedade de um modo geral – os homens eram considerados bons partidos, se usassem os uniformes cinza da empresa.

O mesmo uniforme da Usiminas servia, também, como um objeto que estimulava o respeito entre os cidadãos de Ipatinga, pois o seu usuário era visto como alguém que honrava seus compromissos e era comprometido com a empresa.

O uso do uniforme também pode ser relacionado à identidade corporativa:

⁸ LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005, p.22.

⁹ PEROSA, Graziela Serroni. **Três escolas para meninas**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000350856> Acesso em 01/04/2010

¹⁰ PEROSA, Graziela Serroni. A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. In. **Cadernos Pagu**. Campinas. Junho 2006, vol. 26, p. 87 – 111. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30387.pdf> Acesso em 04/11/2010

Ao vestir o uniforme da Usiminas, os trabalhadores incorporam o papel de funcionário de uma grande siderúrgica, agindo conforme as expectativas sociais em torno de uma atuação ligada às responsabilidades para com a empresa.[...] Usando o uniforme fora do recinto da fábrica, o trabalhador mantém o ideal de comportamento em sua vivência social e familiar, além de indicar que está à disposição da empresa.¹¹

Assim, percebemos que o uniforme também serve como um elemento de identidade de uma corporação, estabelecendo certa igualdade entre os funcionários da empresa, além de indicar comportamentos esperados por parte dos funcionários. O uniforme, o qual não sofreu alterações constantes, no caso da Usiminas, também pode ser relacionado à solidez da empresa.

O UNIFORME ESCOLAR NA FUNDAÇÃO EVANGÉLICA

A partir da definição pelo uso do uniforme na Fundação Evangélica, em 1915, a fiscalização era feita pelas professoras, todos os dias, na entrada das aulas. Caso faltasse algum item, a aluna deveria, ou voltar para casa para trocar-se (o que era um problema muito sério) ou ir ao dormitório do internato para fazer o mesmo. Só era permitida sua entrada com a vestimenta completa ou, então, acompanhada pela mãe ou pelo pai para as devidas explicações.

Nos primeiros uniformes das alunas da Fundação Evangélica, percebia-se a nítida influência do *navy* disseminado pela estilista Coco Chanel, a grande inovadora da moda feminina. A saia azul pregueada, a blusa branca com gola de marinheiro, completados por meias e sapatos (borzeguins, como eram chamados, ou então, os sapatos com pulseira no tornozelo) e as cores usadas também demonstravam o gosto da estilista, que as usava muito em suas criações, como podemos ver na imagem a seguir.

¹¹ FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Entre a igualdade e a distinção: a trama social de uma grande empresa corporificada no uniforme de trabalho**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010, p. 257 Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000477102> Acesso em 15/09/2010



Imagem 2 – Alunas da Fundação Evangélica (1920) ¹²

Mais uma vez, a moda europeia se vê representada no sul do Brasil, graças à relação estreita da escola com a Europa, através de suas professoras e das famílias das alunas, que na sua maioria, eram de classe média alta.

O uniforme passou a ser símbolo da escola. Era usado em todos os dias, mas, principalmente, quando em saídas das alunas, para demonstrar o apreço e dizer onde estudavam, honrando assim a sua escola.

Nas aulas de costura na Fundação Evangélica, os figurinos para modelagem das roupas vinham da Europa. Na maioria das vezes, trazidos pelas professoras ou pelas mães das alunas que viajavam e os traziam para que as filhas estivessem sempre bem vestidas, pois estudar ali era sinônimo de status, demonstrava o nível social e o poder aquisitivo, diretamente ligado a forma de vestir-se.

Nos anos 1920, no restante do Brasil, grupos menos privilegiados passaram a frequentar escolas com o movimento da Escola Nova, que apoiava a universalização da escola pública, laica e gratuita, e a uniformização desses novos alunos passou a ser de muita relevância. Esse movimento foi extremamente importante na história da pedagogia, pois representou a tomada de consciência da defasagem entre a educação e as exigências do desenvolvimento.¹³

¹² Fonte: Acervo da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo

¹³ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

A crise econômica de 1929 e o fim de uma época liberal levaram o governo a publicar a brochura “Uniformes Escolares – Distrito Federal”, que descrevia como deveriam ser os uniformes das escolas públicas, mas ainda não os tornava obrigatórios, o que somente aconteceu na década seguinte.¹⁴

A era Vargas (1930-1945) representou um avanço para a educação no país, já que o novo governo a priorizou como instrumento de reconstrução nacional, democratizando cada vez mais o ensino.¹⁵ Essa democratização significou uma homogeneização do vestuário escolar, ou seja, não era mais possível distinguir com facilidade a qual grupo social cada criança ou jovem pertencia, e o governo forneceria o uniforme para os alunos mais pobres. Essa nova noção de igualdade e identidade fez com que os adultos e educadores percebessem os alunos de uma forma diferente, não ligada à hierarquia sociocultural e obrigando-os a ver os indivíduos numa coletividade.¹⁶

Do início do uso do uniforme até os anos 1930/40, a Fundação Evangélica tinha um código bastante rigoroso relacionado à vestimenta das alunas. O tecido usado nos uniformes deveria ser adquirido na própria escola, para não apresentar nenhum tipo de diferença de tonalidade, por exemplo. Ele também deveria ser comprado no momento em que os pais inscreviam suas filhas no educandário. Já na matrícula era entregue aos pais uma lista com todo enxoval e o número que deveria constar em todas as peças da aluna, o qual serviria como identificação.

Para o dia-a-dia, o modelo era um “tubinho” de algodão grosso, listrado de cinza com branco, cuja gola era uma fita de algodão mais fina, toda branca. Sobre ele era usado um avental branco com peitoril, o que ajudava na limpeza do “saco”, como o tubinho era chamado pelas alunas. Estes aventais podiam ser feitos fora da escola, e aí é que as mães se esmeravam para demonstrar suas habilidades, pois podiam colocar vários diferenciais como gregas, rendas, passamanarias e crochês ao redor do mesmo. Para os dias frios, era permitido o uso de um blusão ou colete azul marinho, que também deveria ser adquirido no colégio. Na figura 3 podemos ver um grupo de alunas, da década de 1950 com o tubinho e o avental.

¹⁴ LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

¹⁵ PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997

¹⁶ LONZA, 2005. Op. cit.



Imagem 3 – Uniforme diário (década de 50) ¹⁷

Para as saídas, desfiles de sete de setembro, cultos ou outros eventos, era usado o uniforme de gala, que devia sempre estar impecável. Saia azul marinho pregueada (pregas do mesmo tamanho para todas) blusa branca de manga comprida ou curta, gravata azul marinho com o broche da instituição, meias brancas e sapatos “colegiais pretos”. O conservadorismo era uma maneira de mostrar sua solidez, como escola e como crença! A imagem 4 ilustra o uniforme de gala, usado durante um desfile da Semana da Pátria.

¹⁷ Fonte: Acervo pessoal de uma das autoras



Imagem 4 – Uniforme de gala em desfile de 7 de setembro¹⁸

O período que compreende o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e o início do regime militar (1964) conheceu o restabelecimento dos princípios democráticos e a organização de muitas campanhas, que visavam à ampliação e à melhoria do atendimento escolar. Em 1961 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e, por isso, aconteceram vários movimentos de educação popular nesse período; e o método de alfabetização de Paulo Freire alcançou repercussão nacional.

As escolas públicas viveram sua época mais pujante em relação à qualidade do ensino, e mesmo as famílias em condições de pagarem escolas particulares para seus filhos optavam pela escola pública. Observando fotografias de alunos uniformizados nesse período, não percebemos mudanças significativas nos modelos das roupas, entretanto, a diferenciação de material com que eram feitos os uniformes permitia reconhecer as condições econômicas do aluno.

O surgimento do *rock* na metade da década de 50 foi um momento excepcional na história do uniforme, pois ao invés das roupas escolares seguirem as tendências da moda, foram os uniformes que inspiraram a moda jovem, com as saias rodadas, sapatilhas, suéteres e camisetas que eram usadas por baixo da camisa. Esse período marcou, também, a imposição do jeans como peça de uso diário e escolar, o que causou

¹⁸ Fonte: Acervo pessoal da autora

muitas discussões, já que as lavagens diferenciadas que esse tecido permite não podiam uniformizar os alunos.¹⁹

Em São Paulo, no início dos anos 1950, os regimentos das escolas estaduais definiam os modelos que deveriam ser usados pelos alunos, sendo que os uniformes deveriam “ter em vista o clima, a economia e a distinção do traje escolar” e o uniforme baseado no traje de marinheiro ainda era o mais comum entre as crianças.²⁰

A moda ditada pelo estilista francês Christian Dior, apresentou saias godês, vestidos tomara que caia entre outros, mas o uniforme continuou o mesmo na Fundação Evangélica, sendo que os tradicionais 40 cm do chão, como norma para o comprimento das roupas, também segundo Dior, era algo estabelecido com muita rigidez na escola, pois as minissaias já eram presentes em outros espaços sociais, mas não permitidas na escola.

Em 1960 é implantado o Curso Normal de Segundo Ciclo na Fundação Evangélica e para que as alunas desse novo curso se diferenciasssem das outras, por exemplo, do antigo Segundo Grau, o novo uniforme consistiu em uma saia com quatro pregas macho e fêmea, sendo duas atrás e duas na frente, feitas de tecido moderno, o tergal (tecido que não amassa e é produzido com fios puros ou mistos de poliéster podendo ser também misturado com algodão), o que permitiu uma saia sempre impecável. A blusa, tipo camisa, era de tecido “volta ao Mundo” (totalmente sintético), última novidade na Europa, e assim chamado porque não amassava, mantendo-se sempre lisa. As meias eram de seda, e os sapatos continuavam pretos, estilo colegial, o que significava que eram sem nenhum salto! Completava a indumentária, para os dias frios, um pulôver verde claro que apresentava no decote em V, na barra e nos punhos uma fina lista branca. A seguir, na figura 5, podemos ver o uniforme composto por saia de tergal, blusa com tecido volta ao mundo e pulôver de gola V.²¹

¹⁹ LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

²⁰ SILVA, Katiene Nogueira da. “**Criança calçada, criança sadia!**”: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970). 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/pt-br.php> Acesso em 03/04/2010, p. 84

²¹ KANNENBERG, Hilmar. **Fundação Evangélica – Um século a serviço da educação (1886 a 1986)**. São Leopoldo: Rotermond, 1987, p. 161



Imagem 5: Uniforme do Curso Normal de Segundo Ciclo na Fundação Evangélica (década de 60)²²

No centro do país a moda dos cabelos desfiados e os olhos pintados com delineador não eram bem vistos pelos professores, mas tolerados, pois as normalistas não abriam mão disso, demonstrando estar de acordo com a beleza instituída do seu tempo, o que percebemos também na escola em questão.²³

A época conhecida como regime militar brasileiro (1964/1985) coincidiu, em nível mundial, com um período de profundas transformações da moda jovem, no qual a liberdade e a contestação eram a tônica principal. As escolas públicas, entretanto, não acompanharam essas mudanças, pois o jeans e a camiseta, que tinham se popularizado, não podiam ser utilizados na sua maioria, além disso, as jovens que “usavam os vestidos tubinho, linha saco e trapézio, tinham que usar a cintura marcada nos uniformes, uma coisa totalmente fora de moda [...]”.²⁴

Porém, o que mais chamou a atenção em relação à distância moda/uniforme, foi o comprimento das saias, pois foi nesse mesmo período que a minissaia foi difundida e se popularizou com muita rapidez, mas as escolas não estavam preparadas para tamanha ousadia na indumentária, numa época de autoritarismo. Entretanto, percebemos que o comprimento das mesmas foi gradativamente diminuindo, refletindo as mudanças sociais.

²² Fonte: Acervo pessoal de uma das autoras

²³ MOUTINHO, Maria Rita e VALENÇA, Máslova Teixeira (Orgs) **A Moda no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000.

²⁴ LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005. p.171

Os anos 1960 e 1970, ao mesmo tempo em que no Brasil representaram um período de ditadura militar e falta de democracia, foram marcados pela explosão da juventude em todos os sentidos. Os jovens queriam ser livres, opunham-se à sociedade, clamavam por uma mudança de comportamento, através de movimentos como a contracultura e o pacifismo no final da década. Entretanto, em se tratando dos uniformes, podemos dizer que a sua confecção “passou a ser minuciosamente controlada pelo estado no ano de 1968 [...]”.²⁵

Nesse contexto, a transformação da moda foi radical. Era o fim da moda única, que a partir daí passou a ter várias propostas, e quase todas ligadas ao comportamento.²⁶ As empresas começaram a investir nesse nicho e deram início à criação de produtos específicos para jovens, e a moda era não seguir a moda, o que representava liberdade, o grande desejo da juventude da época.

Os anos 60 também marcaram a mudança mais radical que aconteceu com os uniformes, por causa do aparecimento de tecidos feitos com helanca, muito mais práticos que aqueles utilizados até então, pois possuíam “alta resistência, não precisavam ser passados a ferro, não se deformavam com o uso, secavam muito rápido e não encolhiam, além de oferecerem muito mais cores [...]”.²⁷ Ou seja, foi a partir das décadas de 1960 e 1970, que as mudanças começaram a ocorrer nos uniformes, principalmente oferecendo peças mais esportivas (*trainings*); mas isso não significou o completo abandono das calças, saias, que eram complementadas com jaquetas ou blusões de modelos mais esportivos, conferindo um ar mais despojado ao traje escolar.²⁸

A moda nos anos 80, de certa forma, transmitiu a alegria de um novo tipo de governo e apresentou roupas alegres, esportivas, versáteis, divertidas e ao mesmo tempo sofisticadas, sensuais e ousadas. Estampas de oncinha, cores cítricas, ombros largos, cortes de cabelo assimétricos e acessórios exagerados dividiam o espaço com discretos *tailleurs* e com roupas de moletom e *cotton-lycra*.

²⁵ SILVA, Katiene Nogueira da. “**Criança calçada, criança sadia!**”: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970). 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/pt-br.php> Acesso em 03/04/2010, p. 92

²⁶ LEHNERT, Gertrud. **História da Moda do Século XX**. Colônia: Könemann, 2000.

²⁷ LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005. p.176

²⁸ Ibid.

Novos tecidos surgiram no mercado, como o *stretch*, que dava um ar futurista às roupas, bem como insinuava experimentação, inovação e transformação, que eram palavras que ditavam a moda e o comportamento na época. O conceito de “tribos de moda” também surgiu nessa década, caracterizando inúmeros grupos com identidades próprias, como os *punks*, *darks*, etc.²⁹

A partir dos anos 1970 e 1980, as escolas puderam variar muito mais seus uniformes, e oferecer modelagens mais ao gosto dos alunos, ou seja, mais confortáveis, coloridas e afinadas com a moda vigente, como os *trainings* dos anos 80, por exemplo, que eram agasalhos utilizados não só para a prática de esportes, mas para o dia-a-dia e que passaram a ser opção para as escolas também. Os tênis, nessa conjuntura, substituíram definitivamente os sapatos, e a apropriação da moda unissex também se fez sentir nas escolas a partir desse período.

Nesse mesmo período, a Fundação Evangélica adaptou-se à moda e passou a permitir o uso do jeans como uniforme, diferenciando-se por um jaleco curto, amarelo, com o logo da Instituição. Antecipando a década do corpo saudável, o uniforme acrescentou abrigos e moletons pretos, com detalhes em amarelo e branco e o logotipo da escola.

Dos anos 1990 em diante, percebemos que a indumentária escolar assumiu certa semelhança às peças utilizadas pelos jovens em seu cotidiano, apresentando algumas variações. Atualmente, observamos que o uso dos uniformes fora da escola é natural, podendo-se encontrar, frequentemente, grupos de jovens nas ruas, shoppings, supermercados e em vários outros lugares, usando o uniforme de sua escola despreocupadamente, mostrando-nos que o uniforme não está mais tão distante daquilo que o jovem costuma vestir nas horas vagas. Talvez possamos estabelecer certa relação de afinidade, de conforto, de identificação entre o aluno e a instituição de ensino. Ou seja, o uniforme passa de uma indumentária de uso restrito (ambiente escolar) ao uso não mais circunscrito a escola. Concluímos, assim, que o uniforme escolar adquire status de roupa de grife, a qual pode ser usada pelo indivíduo em qualquer lugar, até mesmo em um shopping, reconhecidamente como local de encontro dos jovens atualmente. Aqui poderíamos nos arriscar a afirmar que a roupa escolar estaria, mais

²⁹ BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

uma vez, indicando a origem do aluno, inserindo-o em determinados espaços sociais, os quais podem estar relacionados ou não a escola frequentada.

Além disso, os materiais usados na confecção das peças são advindos da moda atual, como o moletom, *suplex*, viscoelastano, entre outros, que fazem o aluno sentir-se mais à vontade usando o uniforme. A própria modelagem é mais livre, deixando a cargo de cada instituição, a opção do que é permitido, ou não, usar. Assim, o que vemos é a adequação do uniforme escolar, de certa forma, à moda atual, ou seja, a escola tenta, através da escolha das características das roupas que os alunos usarão, aproximar-se desse aluno, permitindo que ele, até certo ponto, eleja o seu uniforme, personalizando-o de acordo com seu gosto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uniforme, como visto neste artigo, foi e é utilizado desde muito tempo no Brasil por inúmeras instituições, apresentando diversas significações, tais como um elemento que sugere o engajamento do indivíduo no contexto social, a fim de que ele possa reconhecer e obedecer às ordens dadas; como elemento controlador dos corpos; como status social e elemento de identidade de corporações; passou, também, a auxiliar o reconhecimento dos alunos de cada escola a partir do século XIX.

No caso específico deste artigo, numa das escolas mais antigas do Rio Grande do Sul, a Fundação Evangélica, além de permitir a igualdade no vestir, incentivava o cumprimento de regras e impunha a disciplina. Outro fator importante foi a transposição daquilo que estava na moda na Europa para o traje a ser usado no colégio, conforme pudemos comprovar por meio de pesquisa e de fotos.

A importação e a correspondência entre os professores da citada Instituição e seus parentes que ainda viviam na Alemanha e outros países europeus foi um dos fatores mais importantes para que a moda aqui chegasse e fosse assim difundida. Além disso, nos momentos em que não era obrigatório o uniforme, o que acontecia à noite, no internato, as alunas emprestavam umas às outras suas roupas e, como vinham de diferentes estados brasileiros e também de outros países, como Venezuela, Paraguai e Argentina, as novidades em matéria de roupa, cabelo e maquiagem se espalhavam pelo ambiente.

Percebemos que a circulação das ideias, mesmo num período de difícil comunicação, existia e era capaz de influenciar a moda numa pequena cidade do interior do Brasil.

Finalmente, considerando o uniforme escolar um texto, percebemos que alguns valores estiveram muito presentes nessas roupas há tempos atrás, tais como a obediência, a disciplina, a hierarquia e a vinculação a um grupo social. Já nos dias de hoje o jovem busca muito mais a individualização, a rebeldia, a criatividade e a obediência às regras estéticas e da moda.



www.revistafenix.pro.br

ARTIGO RECEBIDO EM 08 DE NOVEMBRO DE 2012. APROVADO EM 15 DE MARÇO DE 2013